

## COISAS DO DIABO

RUBEM BRAGA

O passado pertence ao diabo — disse o general Góis, e com toda razão. Seja bom ou ruim, direi eu, pertence mesmo ao diabo. Quando ruim, porque nos atormenta com aflições e remorsos; e quando bom porque suas imagens mais doces são as que ficam mais amargas quando as provamos com a boca do presente. O presente é nosso — avançou o general, e o futuro é de Deus. Ai já penso que há de haver um pouco de otimismo, que todavia não fica mal a ninguém.

Mas vamos ao passado; porque afinal quem somos nós para falar das coisas de Deus, sendo já de natural tão tontos que sobre as nossas mesmas raro nos entendemos? Falemos das do diabo, que nessas por muito mal que se fale ainda se falará bem demais.

...o general Góis uma atração profunda pelas coisas diabólicas; volta e meia está a mexê-las e remexê-las, e não as mexe mal, pois mesmo quando está violento jamais deixa de ser pitoresco. Já publicou ele muitos trechos de memórias, todos carregados de mistérios e ameaças. E se até hoje nunca fez nenhuma revelação sensacional, é certamente por ser um homem de coração muito bom — embora de cabeça às vezes um tanto maléfica. Costuma ir o general ao passado para fazê-lo, ao cabo, mais confuso e escuro com as luzes pirilâmpicas de suas sugestões e os fogos de Santelmo de suas bravuras retrospectivas.

Desde que aprendi a ler acompanho suas entrevistas com espanto e fé; lamento horrivelmente ter de acrescentar aqui: sem proveito. Nas suas tremendas ofensivas para a retaguarda dos tempos o general dispara muitos morteiros para o alto, e isso nos excita e assusta; mas o projétil cai sempre no ângulo morto de algum morro escuro, e se fere alguém não vemos nem sabemos, de modo que no fim da tremenda luta todos gozam de boa saúde. Essa luta do general com seus fantasmas nas breñas do tempo

lembra muito uma guerra que houve por causa de Letícia, me parece, em que os exércitos inimigos, perdidos na floresta e espumantes de ódio, jamais conseguiram se encontrar e se quedavam exaustos de calor, a matar cobras e mosquitos e exconjurар sacis, até o cansaço final.

Gaba-se agora no Senado o velho general de que ele foi o único de sua patente que empossou e depôs um presidente. Na verdade creio que lhe devemos em parte esse mimo que foi a Ditadura, através da qual o famoso cabo de guerra prosperou em postos, honrarias e prebendas, enquanto ao triste Braga cabiam censuras, cadeias e chatices. Quanto ao 29 de outubro, é indiscutível que o general Góis fez tudo, ou muito. Do que vi, entretanto, acho que o mais sábio foi o que não fez, e sim incumbiu o general Cordeiro de Farias de fazer; e este fazia essas coisas de tal modo que às vezes dava a impressão de que temia que o general Góis as fizesse.

Assim a ida ao Guanabara; assim, também, a entrevista coletiva pela madrugada, no Ministério da Guerra. Enchiamos nós, os chamados rapazes da imprensa, uma pequena sala, e iam os ouvir a primeira palavra oficial sobre o que acontecera, quando o bravo general Góis assomou à porta. Vi que o general Cordeiro de Farias se sobressaltou; precipitou-se para deter o general Góis e, apesar dos protestos deste, insistiu em que s. exclamava, estava por demais fatigado, que não era preciso que falasse à imprensa, que era melhor descer para outro andar, que ele mesmo falaria aos jornais, por favor, senhor general. Tudo terá sido ilusão minha? Digo, entretanto, que vi o general Góis insistir; e, naturalmente, eu estava ansioso, como velho admirador, para ouvir sua palavra sábia; talvez por isso mesmo me pareceu um pouco demasiado enérgica e direi mesmo impertinente a insistência do general Cordeiro, que o levou pelo corredor e voltou, com um suspiro de alívio, para nos dar as notícias. Foi pena. Tudo ficaria, talvez, um tanto mais confuso, mas inevitavelmente mais pitoresco. O general Góis tem a palavra vibrante, ainda que seja tão distraído que levou, se não me engano, uns 7 anos para se lembrar de nos dizer que o Plano Cohen era falso e o Estado Novo uma ditadura, famosas novidades.

Ora, tudo isso são coisas do diabo; que ele as carregue. Olhemos o futuro, que é de Deus — e do candidato único...

24.3.49

*Do livro - O Brasil de Rubem Braga*